

ESTRUTURAL

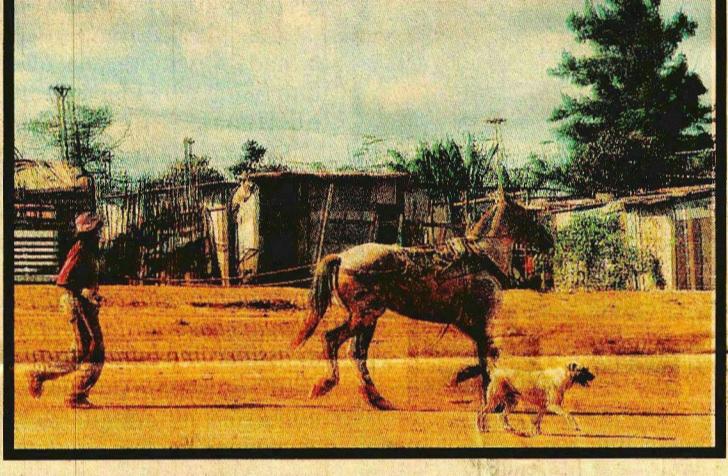
Os 15 mil moradores da invasão da Estrutural convivem com foragidos da Justiça em uma área onde a polícia tem dificuldades para agir. Poucos policiais, mal equipados, são responsáveis pela segurança no local

Território sem lei

Fotos: Jorge Cardoso 26.7.00



CRISLIAN, 25 ANOS, AO LADO DA MÃE, OLGA: PARAPLÉGICA DEPOIS DE TER SIDO ATINGIDA POR BALA PERDIDA, HÁ TRÊS ANOS, NA INVASÃO



RUA DE TERRA, SEM INFRA-ESTRUTURA: IDEAL PARA OCULTAR FORAGIDOS

Jovens pobres, como José Leandro Ferreira Rocha, 19 anos, são obrigados a conviver com a violência. "Aqui é o lugar ideal para bandido se esconder. A polícia

não acha ninguém aqui", diz o rapaz, morador da Estrutural há sete anos, desempregado e com a namorada grávida de 5 meses.

LEI DA FAVELA

Amigo de José Leandro, Gilmar Cardoso de Oliveira, 18, dá a dica de sobrevivência na Estrutural. "Vale a lei da favela. Se você é de fora e não conhece ninguém daqui é bom nem entrar. Se entrar, não sai", conta Gilmar, que há poucos dias ficou no meio de um tiroteio em um bar da invasão.

Em um desses tiroteios, tão comuns nos becos, ruas e bares da Estrutural, a artesã Crislian da Silva Carrero, 25, ficou paraplégica. Uma bala perdida atingiu a coluna cervical dela. "Isso foi há três anos. Era uma tarde. Nem vi de onde veio o tiro. Caí e fiquei no chão, sem conseguir me mover", relata.

Mãe de Crislian e outros seis filhos, entre eles Cleiston Carrero, 25, preso há oito anos por

homicídio, Olga da Silva Mendes, 40, não cansa de reclamar da vida que leva na Estrutural. "Aqui sobra terra e bicho-de-pé e falta polícia, que só aparece quando morre alguém. E, quando aparece, os bandidos correm para todo lado", dispara a mulher, uma das pioneiras da Estrutural.

Com mais de 15 mil moradores, a invasão tem apenas um posto policial, que na quinta-feira ganhou um tímido reforço: cinco PMs para ajudar os três lotados no local. O capitão Alexandre Pereira Nascimento, comandante do 4º Pelotão da 2ª Companhia da PM, responsável pela Estrutural, reconhece que é pouco. "Realmente uma viatura não é suficiente para um policiamento ostensivo num lugar como aquele".

MEMÓRIA

Histórias de sangue e conflito

A invasão da Estrutural já foi palco de duas grandes cenas de violência. Uma das mais marcantes foi o confronto entre policiais militares e invasores, no dia 9 de julho de 1997. Naquele dia, 1.700 policiais entraram na invasão para garantir a derrubada de 700 novos barracos construídos no local.

Os dois mil moradores da Estrutural, no entanto, reagiram à ação de derrubada e receberam a polícia com paus e pedras. A PM não se intimidou. Repriui o confronto com bombas de gás lacrimogêneo, granadas de efeito moral e balas de borracha. O saldo foi negativo: seis pessoas ficaram feridas. Dois policiais militares e quatro moradores.

No início de agosto de 1998, um novo confronto, dessa vez com consequências mais graves. Em uma operação de derrubada na invasão, o soldado da PM Rubens Gomes Farias, 34 anos, foi assassinado com um tiro na cabeça. A polícia não identificou de onde veio o tiro, mas suspeitou dos traficantes da região.

A represália aos invasores veio no dia seguinte. A Polícia Militar intensificou as ações na Estrutural. E foi acusada de, em operações clandestinas, ter invadido casas e espancado vários moradores. Três invasores suspeitos de terem participado do assassinato do policial foram executados.

Moradores sem saúde e segurança

Na Estrutural, onde falta quase tudo para a comunidade, como roupas, alimentos, esgoto e outros serviços básicos, a segurança é o principal problema levantado pelos moradores. "Não podemos contar com a polícia porque eles não entram aqui. Também não possuímos telefone para chamá-los. Dormimos cedo porque tiroteio é muito comum", diz a adolescente C.A.S., 16 anos, que tem medo até de dar o nome.

A invasão não possui escolas ou hospitais. Segundo o presidente da Associação Pró-Criação da Vila Operária da Baixa Estrutural, Orison Leite Ramalho, muitos caminham mais de dois quilômetros para pegar um ônibus e ter acesso a esses serviços.

Ele conta ainda que a maioria dos 15 mil moradores sobrevive com menos de um salário mínimo por mês. O dinheiro chega graças a trabalhos como catadores de lixo ou varredores de rua.

Os moradores carregam o peso da fama da violência da Estrutural. "Além de não ter estudo, é difícil arrumar emprego. Todo mundo tem preconceito contra a gente. É só falar onde moramos que as portas fecham", reclama José Leandro Ferreira Rocha, 19 anos, há sete na Estrutural. Como boa parte da população da Estrutural, o lixão ao lado da invasão é a única fonte de renda dele.